

# A CONSTITUIÇÃO DO MEDO ATRAVÉS DA SUPERSTIÇÃO PRESENTE EM “LA LETTERA U”, DE IGINO UGO TARCHETTI

Jéssica Soares Fradusco (Capes/UNESP)

jessicasfradusco@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho tem como finalidade, por meio da análise do conto “*La lettera U*”, de Iginio Ugo Tarchetti (1869), apresentar a forma como o autor desenvolve em sua narrativa o medo, materializado nas apreensões sofridas pelo protagonista. Para isso, fundamenta-se teoricamente o medo a partir da recuperação da abordagem contemporânea do conceito expressa na obra sociológica de Bauman, em conjunto com textos psicanalíticos de Freud, os quais estão associados inclusive ao contexto em que se insere o presente conto, podendo-se relacionar, dessa forma, o medo sentido pelo personagem principal a uma representação da própria ansiedade vivida pelo cidadão italiano em meio a uma drástica mudança de sua sociedade, a qual caminhava no sentido de racionalização do mundo, mas ao mesmo tempo, mantinha a existência de crenças paralelas à razão, materializadas, potencialmente, pela superstição. Através das diferentes manifestações possíveis do medo exteriorizado, ao final, todas essas incontáveis vias levam ao mesmo fim: o medo reside naquilo que não se conhece, que não pode ser controlado, no desconhecido, o “*unheimlich*” freudiano (1974) - que, exatamente por não ser conhecido, não pode ser controlado, fazendo com que o indivíduo se mantenha em incessante furor por não saber o que o aguarda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lettera U; Tarchetti; medo; superstição.

## Introdução

O que produz o medo? Do que se deve sentir medo? Qual é a sua origem? É realmente possível evitá-lo? Sem dúvida, essas são algumas das indagações mais comuns que as pessoas fazem desde o início dos tempos acerca do medo e, mesmo após atravessar todo cientificismo, toda a tecnologia, é um tema que ainda acaba inconcluso, podendo levar a inúmeras possibilidades sem que se encontre uma resposta final. Isso porque, no geral, o medo é uma manifestação temporal e contextual.

Por isso, cada época carrega em si seus próprios valores, crenças e seus próprios medos. Contudo, alguns deles – apesar do processo de racionalização das nossas vidas – parecem insistir em se manterem vivos, independente do tempo e do espaço, funcionando como um denominador comum nos mais diversos locais e nas mais distantes épocas.

O século XIX na Itália (mais precisamente 1869), contexto em que está inserido o presente conto, apresenta-se na visão de um cenário bastante turbulento, um momento de inúmeras mudanças, revisões e renovação por conta da Unificação do estado italiano, ocorrida em 1861, visando à construção de um novo país, situação esta que implicou à

população uma reformulação de seus valores, bem como a difusão dos elementos necessários à consolidação territorial e a identidade nacional.

Em meio a este contexto, de um lado, está o cienticismo, a busca pelo conhecimento, a necessidade de conhecer para poder controlar, o desejo de poder explicar tudo que está à volta, criando um sistema social fortemente ancorado na razão. De outro lado, entretanto, no caso da Itália, está a retomada dos elementos populares do povo italiano, os quais vêm acompanhados das crendices, valores, e da superstição mais primitiva partilhada pelos mais antigos.

Diante deste quadro, Tarchetti apresentará em seu conto, *“La lettera U”*, o modo como o medo pode controlar a vida de uma pessoa e levá-la ao mais profundo desespero, estando calcado em mera superstição que, devido à crença do protagonista, tomará grandes proporções fazendo com que ele próprio enxergue como única saída a sua própria morte.

Assim, como é mostrado pelo comportamento do protagonista, quanto mais indefinida a fonte do medo e, portanto, quanto maior sua impossibilidade de definição, maior o potencial destrutivo deste sentimento, fazendo com que se possa depreender que, o descontrole provocado pelo sentimento de medo está conectado com a própria impossibilidade de controlar, de conhecer a origem deste sentimento com o intuito de poder dissipá-lo ou, ao menos, abrandá-lo.

Sendo assim, é possível imaginar que a ponta deste iceberg está associada ao controle, ou seja, só é possível controlar o que se conhece e, se tratando de algo conhecido, é possível saber seu começo, meio e fim. Mas e o medo intangível, o medo criado por um sistema mental subjetivo e arbitrário? Como controlá-lo?

Este artigo procura discutir a forma como o medo se constitui a partir da conduta do protagonista da narrativa, utilizando-se das reflexões de Freud e de Bauman, na tentativa de poder alcançar a fonte do sentimento que assola as mais diferentes gerações com suas infinitas formas de materialização.

O medo representado pela superstição

“O que mais amedronta é a ubiquidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta.” (BAUMAN, 2008, p.11)

O medo presente no conto “*La lettera U*”, do escritor italiano Iginio Ugo Tarchetti (1869), manifesta-se na forma de superstição que se apodera da consciência do narrador protagonista, fazendo com que coordene toda sua vida, desde a infância, buscando distanciar-se da letra “U” que, para ele, carrega um valor potencialmente negativo, devendo, portanto, ser evitada a qualquer custo.

*Quella linea che si curva e s'inforca – quelle dele due punte che vi guardano immobili, che si guardano immobili – quelle due lineette che ne troncano inesorabilmente, terribilmente le cime – quell'arco inferiore, sul qual ela lettera oscila e si dondola sogghinando – e nell'interno quel nero, quel vuoto, quell'orribile vuoto che si affaccia dall'apertura dele aste, e si ricongiunge e si perde nell'infinità dello spazio.<sup>1</sup> (TARCHETTI, 1869, p.7374).*

Para os demais personagens que com ele convivem, sua repulsa em relação ao “U” não possui uma explicação lógica que seja capaz de convencê-los, uma vez que a valoração negativa atribuída a esta vogal é exclusiva do protagonista e o mal que dela, hipoteticamente, emana, só pode ser experimentado por ele, o que pode ser afirmado pelo fato de que todas as pessoas têm contato com a mencionada letra desde que são alfabetizadas, mas nunca se sentiram ameaçados por ela – sentimento este que somente o protagonista tem e que, por isso, não consegue compartilhar com mais ninguém. Em outras palavras, todo o desenvolvimento da narrativa calcado na negativização da vogal está baseado em um sistema de valor criado e legitimado apenas pelo protagonista, baseado em sua própria percepção do mundo.

Seguindo-se esse raciocínio, o que distancia e impede que o protagonista seja devidamente ajudado e compreendido pelos demais personagens é a sua diferente visão/percepção de mundo em relação aos colegas de escola, às namoradas, e, posteriormente, à esposa e todas as outras pessoas que o cercam. Há um novo código criado pelo protagonista que não é validado pelos outros, por isso, não são capazes de se entenderem, ainda que façam parte da mesma realidade.

De acordo com as justificativas do personagem, da forma como ele tenta convencer os demais (e o próprio leitor) da malignidade da letra “U”, é possível depreender que a carga negativa atribuída à vogal está relacionada a uma espécie de “animismo” – a primeira das três formas de o homem visualizar o mundo apresentadas

---

<sup>1</sup> “Aquele linha que se curva e se enforca – aquelas duas pontas que nos olham imóveis, que se olham imóveis – aquelas duas linhazinhas que se encurtam inexoravelmente, terrivelmente os topos – aquele arco inferior, sobre o qual a letra oscila e se balança zombando – e no interior aquele negro, aquele vazio, aquele horrível vazio que se revela da abertura das duas hastes, e se reconstroem e se perdem no infinito do espaço.” (TARCHETTI, 1869, p.73-74, trad. minha).

por Freud (2013), sendo as duas posteriores, respectivamente, a religiosa e a científica; – uma espécie de crença primitiva que atribui a forças espirituais desconhecidas poderes sobre a vida dos humanos. Ou seja, de acordo com o personagem, a letra U possui uma espécie de força sobrenatural maligna que é capaz de provocar coisas terríveis às pessoas que com ela mantêm uma relação, como no caso dele, ter a letra em seu nome. Fazendo uso ainda da explicação freudiana por meio do desmembramento do animismo, é possível depara-se com a técnica por meio da qual ele se desenvolve chamada de “onipotência dos pensamentos”.

A “onipotência dos pensamentos”, interpretada de modo simplificado, é a crença que alguns indivíduos desenvolvem em relação aos seus pensamentos, conferindo-lhes o poder de transpor uma vontade surgida no mundo ideal para o mundo real; em outros termos, é a possibilidade de alterar a realidade a partir do pensamento. Tal técnica é bastante recorrente em pacientes neuróticos obsessivos, considerados supersticiosos – elemento este que ganha destaque na análise do conto.

Tal onipotência pode ser notada logo no início do conto, quando o protagonista já se autodenomina predestinado, condenado à desgraça por possuir um “U” em seu nome. Essa condenação só faz sentido para ele, já que é fruto de seu próprio pensamento, de um sistema que ele mesmo criou e ao qual se submeteu, tomando-o como uma norma incontestável que deve ser respeitada. É por força de seu pensamento que o protagonista acredita que as desgraças ocorridas em sua vida estão todas conectadas à transgressão que ele cometeu por possuir a letra em seu nome e, por isso, estar marcado, perseguido, pelo resto de seus dias, assim como se identifica no trecho: *“Io nacqui predestinato. Una terribile condanna pesava sopra di me fino dal primo giorno della mia esistenza: il mio nome conteneva un U. Da ciò tutte le sventure della mia vita.”*<sup>2</sup> (TARCHETTI, 1869, p.75-76, grifo meu.)

Faz-se importante considerar o contexto sociocultural italiano em que se desenvolve o conto para que se possa compreender os posicionamentos do autor e a forma como busca apresentar o medo através da ótica de seu personagem. Pouco à frente de meados do século XIX, a Itália, que começava a se constituir como um país, já estava passando por inúmeras mudanças e revisões, incluindo-se a necessidade de repensar também suas crenças, em meio a um contexto em que se sobressaíam o cientificismo, a

---

<sup>2</sup> “Eu nasci predestinado. Uma terrível condenação pesava sobre mim desde o primeiro dia da minha existência: o meu nome continha um U. Daí, todas as desgraças da minha vida.” (TARCHETTI, 1869, p.75-76, trad. minha, grifo meu.)

filosofia, enfim, a razão propriamente dita em suas diversas representações, buscando alcançar cada vez mais respostas para as ansiedades e insatisfações experimentadas pelas pessoas, visando abandonar as verdades cegas, baseadas na crença, e caminhar rumo ao esclarecimento, baseado na razão.

Por outro lado, ainda que isso acontecesse, era possível constatar a existência das crenças primitivas em forças desconhecidas, muitas vezes qualificadas como sobrenaturais, as quais mesmo em meio a tanta racionalidade conseguiam sobreviver na mente dos mais diversos cidadãos. Ainda que o contexto histórico europeu estivesse sendo marcado pelos valores alicerçados na razão moderna, a especificidade da integração italiana retomou valores típicos do seu povo, fazendo com que se voltassem os olhos para as suas tradições, comumente cultivadas nos pequenos vilarejos em conjunto com as histórias contadas no *'focolare'* (em volta da lareira). Enfim, para que se pudesse alcançar o ponto mais genuinamente italiano, era preciso resgatar o que havia de originário na mente dos cidadãos, inclusive os elementos supersticiosos, típicos também em cada localidade. Portanto, a modernização e racionalização da vida se tornaram necessárias para a Itália se adaptar ao novo contexto sociopolítico e econômico europeu. Contudo, esse processo desencadeou-se sem o rompimento com a cultura, a religião e valores preexistentes.

O mundo caminhava para a intelectualização, o conhecimento; elementos claramente racionais, uma vez que as crendices, por aprisionarem a consciência dos indivíduos, impediam-nos de ascender de todas as formas, em especial, no que diz respeito ao intelecto, tornando inatingível a satisfação de suas perguntas, que durante muito tempo se mantiveram sem resposta por conta das crenças incontestáveis.

Tal paradoxo entre o conhecimento libertador (ligado à razão) e a superstição aprisionadora se materializam no conto a cada privação que o protagonista coloca para si por medo de ultrapassar os limites impostos por sua crença negativa em relação à vogal, sendo a primeira delas a impossibilidade de estudar. O protagonista, por conta de um comportamento alterado em sala de aula, resultado de uma brincadeira dos seus colegas envolvendo a letra U, é expulso e não consegue mais retomar os estudos e, mesmo antes disso, não pôde ser devidamente alfabetizado por ser incapaz de aprender a dita vogal.

Mais tarde, já na idade adulta, priva-se de conhecer pessoas que possuam a letra em seu nome. Aliás, de maneira desobediente à sua crença, ao invés de se afastar da sua mulher, a qual possuía a letra U em seu nome, quis casar-se com ela. Por fim, acaba sendo privado do convívio em sociedade por assassiná-la.

*Uma noite mi sentii invaso da non so qual furore: aveva avuto um sogno affannoso... Un U gigantesco postosi sul mio petto mi abbracciava colle sue aste immense, flessuose...mi stringeva...mi opprimeva, mi opprimeva...Io balzai furioso dal letto: afferrai la grossa canna di giunco, corsi da un notajo, e gli dissi:*

*-Venite, venite meco sull'istante a redigere un atto formale di rinuncia...*

*Quel miserabile si oponeva. Lo trascinai meco, lo trascinai al letto di mia moglie.*

*Essa dormiva; io la svegliai aspramente e le dissi:*

*-Ulrica, rinuncia al tuo nome, all'U detestabile del tuo nome!*

*[...]*

*Il suo silenzio, il suo rifiuto mi trassero il senno: mi avventai sopra di lei, e la percossi col mio bastone.<sup>3</sup> (TARCHETTI, 1869, p.81).*

A partir deste trecho, que é o ápice da narrativa, antes de o protagonista ser condenado a passar o fim de seus dias em um sanatório, é possível perceber nitidamente o conceito citado anteriormente acerca da onipotência dos pensamentos. O protagonista tem a certeza, fortalecida por seu sonho, de que deve fazer algo a respeito do U presente no nome de sua esposa, uma vez que, ao se casar com ela, sabendo disso, ele transgrediu uma norma de seu próprio sistema e, por isso, precisa consertar seu erro. Em outras palavras, precisa convencer sua esposa a abdicar do U contido em seu nome.

Outro importante indício da magnitude e supervalorização do pensamento por parte do personagem se mostra na legitimidade que este confere ao sistema por ele criado: para que a esposa renuncie ao U é necessário que se redija um ato formal de renúncia, ou seja, um documento que confira oficialidade e autenticidade ao ato, uma vez que este sistema possui um *status* de norma e, por isso, não poder se violado e, caso isso ocorra, sua reparação deve ser devidamente documentada. Desta maneira, podem-se constatar a transferência e a adequação do sistema ideal criado pelo personagem aos sistemas presentes no mundo real partilhado por todos os indivíduos, como por exemplo, a obrigação de respeitar normas impostas pelo Estado ou por outras instituições.

Sendo assim, uma das possibilidades de interpretação do medo sentido pelo protagonista, tomando-se como parâmetro o animismo freudiano, diz respeito à forma “degradada” de superstição (FREUD, 2013). Por meio dela, o personagem ordena suas condutas e tenta ordenar as das outras pessoas a partir do seu mundo ideal, deixando

---

<sup>3</sup> “Uma noite me senti invadido por não sei que furor: havia tido um sonho sufocante...Um U gigantesco postouse sobre o meu peito, me abraçava com as suas hastes imensas, me apertava...me oprimia, me oprimia...Eu saltei furioso da cama: agarrei o grosso cano de junco, corri até um tabelião, e lhe disse: - Venha, venha comigo um instante para redigir um ato formal de renúncia... Aquele miserável se opunha. Arrastei-o comigo, arrastei-o ao quarto da minha esposa. Ela dormia; eu a acordei asperamente e lhe disse: - *Ulrica*, renuncia ao teu nome, ao U detestável do teu nome! [...] O seu silêncio, a sua recusa me tiraram os sentidos: me joguei sobre ela e a atravessei com meu bastão.” (TARCHETTI, 1869, p.81, trad. minha.)

transparecer um perfil neurótico obsessivo. Durante todo o desenvolvimento do conto, faz-se transparecer a incessante busca do protagonista por afastar de si o elemento negativo capaz de destruir todo o sistema por ele mesmo criado a partir de sua superstição oriunda de seu pensamento. Ainda conforme mostra Freud (2013), na fase animista, a onipotência está atribuída ao próprio indivíduo. Transpondo-se essa noção para a interpretação do conto, evidencia-se que o personagem se sente culpado e traz para si a responsabilidade de evitar todo e qualquer contato seu e das pessoas que lhe são próximas com a ‘vogal maligna’.

Além disso, também é possível relacionar a análise do medo sofrido pelo protagonista com o “medo do inadministrável”, discutido por Bauman (2008), o qual define-se como medo proveniente de toda situação, objeto ou criatura que não se possa controlar. Nesse ponto, há uma aproximação da necessidade de controle exposta por Freud anteriormente apresentada, por meio da qual o indivíduo está, incessantemente, buscando controlar o mundo a sua volta com a intenção, dentre outras, de se sentir seguro em relação ao mundo e ao seu próprio futuro.

Ademais, há o agravante de que, ainda que o medo tenha surgido por criação psicológica animista do próprio protagonista, assim como foi visto baseando-se na teoria freudiana, não há um ponto fixo correto de onde parta este medo – sabe-se que ele está conectado à letra U, mas sua forma de manifestação não é possível determinar – fazendo com que este medo não seja palpável. Ou seja, o personagem não sabe ao certo do que se proteger, do que sentir medo, o que potencializa ainda mais a manifestação deste sentimento em sua mente.

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. ‘Medo’ é o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la para ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. (BAUMAN, 2008, p.8).

Seguindo esta noção de medo para se interpretar a situação da personagem no conto, é possível visualizar-se essa onipresença do medo que, neste caso, está nos objetos, nos nomes das pessoas, nos mais diferentes livros, enfim, em todo lugar. O medo, aqui, está presente na letra U, estando, portanto, parcialmente definido. No entanto, não se limita a esta letra: estende-se a todas as manifestações que ele possa assumir, fazendo com que o protagonista adentre em um estado de furor profundo e arrebatador por não poder definir de que ponto específico virá o seu próximo ataque. Ainda, para piorar sua

situação, fica à mercê da própria vida aguardando pelo momento em que se deparará com o ‘grande medo’, o qual, com sorte, fará cessar seu sofrimento por meio da morte.

O fato de o medo presente no conto ser fruto da superstição do personagem potencializa a onipresença desse sentimento, conferindo-lhe a vantagem de poder surgir de qualquer ponto, por qualquer motivo, uma vez que uma das principais características da superstição é o fato de ser considerada arbitrária, não necessitando de uma justificativa lógica para ser admitida em qualquer contexto.

No final do conto o personagem, por já possuir um histórico agressivo, é condenado a passar o resto de sua vida em um hospício, onde acaba morrendo, segundo os dados presentes na narrativa, em 11 de setembro de 1865 e mesmo em seus últimos momentos já no manicômio, sua crença o mantém preocupado acerca da humanidade, na necessidade de abolir a letra U do mundo. Inclusive, sua última fala acaba se assemelhando a uma espécie de profecia, segundo a qual, em sua visão, ele morre como um mártir cujo exemplo deve ser seguido pelos demais para que o mundo se purifique, conforme ilustra o trecho:

*Forse la mia sventura sarà un utile ammaestramento agli uomini; forse il mio esempio li spronerà ad imitarmi...[...]  
Che la mia morte preceda di pochi giorni l'epoca della loro grande emancipazione, dell'emancipazione dall'U, dell'emancipazione da questa orribile vocale!!!<sup>4</sup> (TARCHETTI, 1869, p.82).*

Baseado neste desfecho, o conto se encerra demonstrando a força influenciadora que a superstição tem sobre as pessoas, deixando claro que, mesmo que o mundo progrida, mesmo que caminhe rumo à racionalização, a superstição sempre habitará o lado mais primitivo da mente humana e terá o poder de controlá-la de acordo com uma força arbitrária que pode se pautar em qualquer objeto, agregando-lhe determinado valor – positivo ou negativo – sem qualquer necessidade de justificativa lógica. Isso acontece no momento em que o protagonista é enviado ao hospital psiquiátrico para que seja analisado seu comportamento, a fim de que, com isso, seja possível encontrar a cura de sua doença. Ou seja, por um lado, têm-se o triunfo dos elementos deste processo de racionalização da vida expostos do envio do protagonista para o hospital: o estudo racional do comportamento (análise) com vistas à solução racional de sua doença (busca da cura).

---

<sup>4</sup> “[...]Talvez a minha desventura seja um útil ensinamento aos homens; talvez o meu exemplo os estimule a me imitar... [...] Que a minha morte preceda poucos dias a época da sua emancipação, da emancipação do U, da emancipação desta horrível vogal.” (TARCHETTI, 1869, p.82, trad. minha)



Por outro lado, há paradoxalmente o triunfo do medo, fruto da superstição do personagem, o qual com ele caminhou até o momento de sua morte.

#### Considerações finais

A partir da breve análise do conto tarchettiano, constata-se que, o medo se constitui, genuinamente, de tudo que não pode ser explicado, que é desconhecido e que foge ao controle das regras humanas; em outras palavras, o que não pode ser controlado, deve ser temido.

Em uma época em que começava a se desenvolver a racionalização, a busca pelo conhecimento do mundo, tudo que não pudesse ser explicado por meio da razão causava uma imensa sensação de mal-estar, uma vez que o ser humano caminha em direção ao conhecimento, procurando abandonar sua ignorância que o aprisiona.

Por outro lado, neste mesmo cenário, resistia a superstição, o veículo que liga o homem às forças sobrenaturais, aos grandes medos, que o impede de libertar-se das amarras da ignorância; o mesmo veículo que transporta o medo de época a época, impossibilitando a completa racionalização do mundo e dos elementos que o circundam.

Dessa forma, pode-se concluir que principalmente por meio da superstição é que o medo se mantém vivo e se manifesta nas mais diversas formas, adequando-se a cada época, de acordo com os anseios que lhe são próprios, evidenciando sua impossibilidade de extinção. Em outras palavras, enquanto o homem existir sentirá medo, pois este reside no que não se pode controlar, no que se desconhece. Enfim, como o desconhecido se encontra logo ali, na próxima estação, só é preciso que o medo suba em sua locomotiva-superstição e viaje tranquilamente por cada época preenchendo cada assento que a razão deixou vago.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BAUMAN, Z. Medo líquido. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, 2008.
- FREUD, S. O estranho. In.: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.
- \_\_\_\_\_. Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2013.
- TARCHETTI, I.U. La lettera U. In.: \_\_\_\_\_. Racconti fantastici. Milano: E.Treves & C., 1869, p.72-82.

